

---

ECKERT, Cornelia; MONTE-MÓR, Patrícia. *Imagem em Foco – novas perspectivas em antropologia*. Porto Alegre: Editora da Universidade / UFRGS, 1999, 256 p.

*Édison Gastaldo*

*Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Brasil*

## Completando lacunas

“Imagem em Foco”, coletânea de artigos de antropologia organizada por Cornélia Eckert e Patrícia Monte-Mór, vem a completar uma grande lacuna na literatura em língua portuguesa sobre antropologia visual (ou audiovisual, como preferem alguns autores).

Os dez artigos que compõem o livro perfazem um vasto painel de abordagens relacionadas a esta relativamente nova e certamente instigante vertente do pensamento antropológico.

O estatuto da antropologia visual e seu lugar no contexto das ciências humanas é o tema do artigo de Marc Henri Piault, que opta pelo termo “audiovisual”, já que se refere especialmente ao cinema etnográfico.

A perspectiva de Piault é alargada no artigo de Faye Ginsburg, que sob o intrigante título de “Não Necessariamente o Filme Etnográfico”, propõe uma densa discussão sobre os rumos e problemas metodológicos que envolvem a antropologia visual, ampliando seu campo de ação, da mera utilização crítica de meios audiovisuais como suporte de pesquisa etnográfica para a análise das imagens que compõem a visualidade de nossa própria sociedade – em especial os produtos de mídia. Um ponto de inflexão, uma encruzilhada teórico-metodológica que tem rendido muitas discussões, nem sempre amenas, mas sem dúvida frutíferas.

A reflexão acerca desta encruzilhada conceitual em que se encontra a antropologia visual é o tema do artigo de Ana Luiza C. Rocha, que, compondo uma arqueologia conceitual da antropologia visual, contextualiza os paradigmas deste ramo do pensamento antropológico. Reflexão densa e segura, adequada para lidar com encruzilhadas hesitantes.

Nesta por vezes árdua seara conceitual, é interessante o cotejo com um relato pragmático de experiência na institucionalização da antropologia visual,

como o que está no artigo “O lugar do novo nas ciências sociais: a antropologia visual na Oficina de Ensino e Pesquisa”, de Márcia P. Leite, Patrícia Monte-Mór e Rosane Prado.

Rompendo um pouco com a visualidade, o artigo de Mariza Corrêa trata do texto etnográfico como construção do antropólogo, enfatizando sua permeabilidade ao contexto de sua produção. Neste contexto, segundo a autora, entra em cena a visualidade, mas também os demais estímulos sensoriais: textos auditivos, textos olfativos, textos táteis...

O artigo de Míriam L. Moreira Leite coloca em cena nesta coletânea a relação entre a fotografia e o texto escrito, a partir do ponto de vista de sua leitura. Denso e instigante, o artigo de Míriam cola fragmentos de textos – livros e fotografias – salientando as particularidades e potencialidades de sua leitura.

Em “Luto e Fotografia”, Mauro Koury analisa um comovedor caso obtido em pesquisa de campo, relacionando a fotografia de um ente perdido – no caso, um menino de nove anos – à materialização do sentimento de perda em sua mãe, suporte material do discurso do luto.

A descrição minuciosa da produção de um vídeo etnográfico é o tema do artigo de Virgínia M. Valadão. O vídeo, “Yãkwa: o Banquete dos Espíritos”, tornou-se célebre, tendo vencido o I Prêmio Pierre Verger para vídeo etnográfico, concedido pela ABA, além de outros prêmios internacionais.

Os dois últimos artigos apontam para a incorporação pela antropologia visual de um novo e promissor campo de estudos: os produtos de mídia, especialmente televisão. No artigo de Rosane Prado, é apresentado um estudo de recepção, investigando a leitura feita pelo que a autora chama de “mulheres de verdade” – habitantes de uma cidade no interior paulista - a respeito das “mulheres de novela” – personagens femininas da novela “Roque Santeiro”, da Rede Globo.

Finalmente, no inspirado artigo “Japonês está para TV assim como mulato está para cerveja: imagens da publicidade no Brasil”, Carmen Sílvia Rial analisa a representação de diferentes grupos étnicos/raciais em anúncios publicitários. A autora defende a pertinência da investigação antropológica nesta área, onde ainda constam relativamente poucos antropólogos.

Para concluir, “Imagem em Foco” propõe – e dá conta – de veicular um amplo painel do estado atual e dos debates que cercam a antropologia visual: a grande encruzilhada e os muitos caminhos potenciais. Não há certezas, é fato, mas ótimas perguntas estão sendo feitas.